

A recategorização sintático-semântica do item gramatical *sem*: de preposição a conjunção

The syntactic-semantic recategorization of the grammatical item *sem*:
from preposition to conjunction

Camilo Rosa Silva*
camilorosa@gmail.com
 Universidade Federal da Paraíba

Marta Anáisa Bezerra Ramos**
martaanaisa@gmail.com
 Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: Analisamos o comportamento funcional do item gramatical SEM (QUE), nos contextos em que antecede estrutura desenvolvida ou reduzida, observando que essa(s) forma(s) compartilha(m) a propriedade de estabelecer relações lógico-semânticas entre uma oração nuclear e outra satélite. Tal fato provoca a recategorização sintático-semântica da preposição, que atua como nexos oracionais. A partir da descrição, nos dados coletados para análise, dos contextos de ocorrência desses conectores/transpositores, objetivamos indicar regularidades de uso dessas estruturas oracionais, discutindo os condicionamentos linguísticos, textuais e interacionais que concorrem para que uma estrutura tenha preferência sobre a outra. Nessa perspectiva, buscamos ampliar o estudo do mecanismo de articulação via hipotaxe adverbial.

PALAVRAS-CHAVE: Recategorização. Preposição. Conjunção.

ABSTRACT: We analyze the functional behavior of the preposition SEM (QUE), in the contexts that precede the developed or reduced structure, observing that this (these) form (s) shares (share) a property of liberation from logical-semantic relations between a nuclear sentence and another satellite. This fact provokes a syntactic-semantic recategorization of the preposition, which acts as a sentence nexus. From the description, in the data collected for analysis, from contexts of occurrence, connectors/transposers, we aim to indicate regularities of structures usage, documenting languages, texts and interactions that compete for one structure of preference over the other. In this perspective, we seek to extend the study of the articulation mechanism via adverbial hypotaxis.

KEYWORDS: Recategorization; Preposition; Conjunction.

* Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling).

** Doutora pela Universidade Federal da Paraíba, professora do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

Introdução

Neste artigo, abordamos a recategorização sintático-semântica do SEM e para tanto descrevemos o comportamento desse item em dois padrões oracionais: na estrutura desenvolvida e na reduzida. No primeiro modelo, integrado ao nominalizador QUE, esse item constitui a locução conjuntiva SEM QUE, aliando-se à forma verbal subjuntiva; e no segundo, antecede o verbo sob a forma nominal de infinitivo. Ressalte-se que, na estrutura reduzida, é possível a interposição de um sintagma de base nominal ou de base adverbial, resultando em SEM + (SN/SAdv.) + VERBO NO INFINITIVO. Em ambas as estruturas, essas formas gramaticais compartilham a propriedade de estabelecer relações lógico-semânticas entre uma oração nuclear e uma oração satélite, denominada adverbial.

A partir da descrição, nos dados coletados para análise, dos contextos de ocorrência desses conectores/transpositores, objetivamos indicar regularidades de uso dessas estruturas oracionais, discutindo os condicionamentos linguísticos, textuais e interacionais que concorrem para que uma estrutura tenha preferência sobre a outra. Além disso, chamamos a atenção para o papel do contexto (estrutural ou extralinguístico) na determinação dos sentidos, evidenciando, ainda, a pragmatização do significado, ou seja, a interferência do discurso na gramática. Nessa perspectiva, buscamos ampliar o estudo do mecanismo de articulação via hipotaxe adverbial. Para esta exposição, consideramos uma pequena amostra de textos argumentativos – artigos e entrevistas, veiculados em periódicos semanais de grande circulação (*Veja*, *Época* e *Isto É*¹) – que compõem um *corpus* mais amplo, constituído de 388 ocorrências de uso dos transpositores em foco, das quais 50 representam a estrutura desenvolvida.

Para o presente estudo, alçamos conceitos assentados no funcionalismo europeu e no norte-americano, como também alguns advindos do cognitivismo, como metáfora e metonímia, que explicam as mudanças no âmbito semântico. Além da caracterização geral das formas gramaticais em apreço, exposta a seguir, discorreremos, nas seções subsequentes, acerca das propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas dos dois padrões oracionais sob análise, seguindo-se as considerações finais.

¹ *Veja*, *Época*, *Isto É* (doravante, VJ, EP e IE, respectivamente).

1 Considerações gerais sobre a recategorização do *sem* (que)

Iniciamos essa reflexão tentando demarcar algumas fronteiras conceptuais: i) embora a abordagem aqui realizada seja de natureza sincrônica, reportamo-nos aos estudos de Poggio (2002) e Romero (2009) – o primeiro de caráter pancrônico e o segundo, diacrônico - para explicar o percurso de gramaticalização por que passou/passa essa forma gramatical; ii) embora a significação gramatical das preposições seja mais perceptível do que seu valor semântico, o processo de recategorização, como afirma Poggio (2002), também se observa no plano semântico, dado que a preposição é dotada de um sentido ao qual se acrescentam outros, conforme o contexto; e iii) tratar do processo de gramaticalização do SEM implica alargar os limites da abordagem da gramaticalização, de forma a contemplar o mecanismo de combinação de orações, particularmente a hipotaxe adverbial, pois, ainda que seja prática corrente fazer a equivalência entre uma oração reduzida e outra desenvolvida, nem sempre esses dois modelos são intercambiáveis – cada qual exhibe traços *formais*, *semânticos* e *discursivos* próprios.

Façamos um parêntese para explicitar o significado da preposição em foco. O termo *preposição* é resultante da combinação das palavras *prae* e *positio*, daí a noção de “posicionar à frente” (ILARI et al., 2008, p. 623). Normalmente a preposição se coloca à frente de palavras (verbo, substantivo, adjetivo), mas, conforme os autores citados, ela também pode reger uma sentença introduzida pelo complementizador QUE, como ilustra o período: “A circular foi mandada **para que todos se manifestassem**”. Em se tratando da preposição SEM, etimologicamente, provém da preposição latina *sine*, que, por sua vez, é formada pelo demonstrativo no caso instrumental *si* junto à partícula de negação *ne* (ne + se = não com este), advindo daí o sentido de exclusão.

Ao afirmar que a preposição pode anteceder uma sentença, Ilari et al. (2008) destacam uma limitação das definições, que, concedendo a essa classe o papel de relacionar palavras, deixam implícita a noção de que só conjunção liga sentença. Os autores exemplificam um uso desse transpositor como constituinte de adjunto da sentença precedente: “Mas será que, na hora em que começa a entrar muito criação do próprio homem, ele não vai anular isso **sem querer?**” (ILARI, et al., 2008, p. 667); assim, a estrutura formada com a preposição não constitui uma sentença. Entretanto, desde que se conceda ao infinitivo o estatuto de forma verbal plena,

vindo a caracterizar a estrutura oracional, essa visão pode ser contrariada, razão de concebermos que o SEM, nas estruturas reduzidas, recategoriza-se, cumprindo um papel conjuncional.

Ao tratar do processo de gramaticalização de preposições do Latim ao Português, Poggio (2002) destaca, em relação à preposição SEM, que esta participa da formação da locução adverbial *sem dúvida*, da locução conjuntiva *sem embargo* e ainda da locução conjuntiva SEM QUE. Neste último caso, ocorre tanto recategorização sintática - a preposição relaciona, além de vocábulos, orações - quanto recategorização semântica já que o termo passa a assumir novos sentidos, a saber, negação de consequência e condição.

Romero (2009), por sua vez, a partir de um estudo diacrônico do português brasileiro em que focaliza o processo de gramaticalização/lexicalização/semanticização do SEM em comparação ao COM, tendo como *corpus* textos dos séculos XV e XIX, explica que a preposição *sine* originou, no português, prefixo, preposição e conjunção. Na condição de *conjunção*, a autora esclarece que, no século XV, esse é um uso restrito em orações reduzidas de infinitivo, surgindo décadas depois a locução conjuntiva SEM QUE, em virtude da “expansão do uso de *que* como uma espécie de complementizador universal, iniciada no latim vulgar”. Além disso, “desde as primeiras ocorrências, no século XIV, todas as orações introduzidas por *sem que* exigiam o verbo no subjuntivo, uso que se manteve no século XIX e permanece ainda hoje” (ROMERO, 2009, p. 551).

Para finalizar este tópico, saliente-se que a proximidade entre classes gramaticais, incluindo preposição e conjunção, constitui uma prova da dificuldade em delimitar propriedades morfossintáticas das palavras. Castilho (2009), ao tratar do estatuto das preposições, aponta convergências e divergências não apenas entre essa classe e a das conjunções, mas também em relação a advérbios. Nos termos do autor: “Preposições e advérbios são predicadores, isto é, atribuem ao seu escopo propriedades de que ele não dispunha” e ainda “Preposições e conjunções integram a classe dos nexos gramaticais. Ambas ligam palavras e sentenças” (CASTILHO, 2009, p. 288).

Neste artigo, interessam-nos essas questões, especialmente, o que delas remete aos processos de gramaticalização, sobre os quais nos posicionamos na próxima seção.

2 Processo de recategorização dos transpositores SEM (QUE)

Em conformidade com Traugott (2014), que entende o processo de gramaticalização como o desenvolvimento de expressões de tempo, aspecto, modalidade, caso, dos pronomes pessoais, dos complementizadores e de outros conectivos, e que reforça a ideia de que qualquer aspecto semântico manifesto na estrutura da língua é parte da gramática, passamos a explicar o processo de recategorização formal e semântica do conector SEM nos dois contextos de uso referidos. Com esse intuito, atentamos, em princípio, para parâmetros formais que denunciam diferenças de comportamento, a exemplo de explicitude ou correferência de sujeitos, concordância e tempo verbais; no tópico seguinte, direcionamos o olhar para o âmbito semântico, observando fatores pragmáticos intervenientes nesse processo, momento em que o conceito de gramaticalização acomoda estruturas mais complexas. É nesse contexto que se verifica a atuação da preposição/conjunção como mecanismo de organização textual e como marca de subjetividade, atendendo às necessidades da interação verbal.

2.1 Propriedades formais dos dois padrões oracionais

Nesta seção, descrevemos a configuração sintática das orações introduzidas por SEM QUE e, em seguida, das introduzidas por SEM, na busca de estabelecer uma comparação entre os padrões oracionais. Considerando que o valor conjuncional da unidade SEM QUE já é reconhecido pelos gramáticos, dado o entendimento de que a preposição, agregada ao nominalizador, constitui locução conjuntiva, nosso interesse primordial é apontar indícios formais que ratifiquem a tese de que o item SEM também assume função conjuntiva, ao introduzir orações reduzidas, razão de as explicações recaírem, sobretudo, em torno das propriedades da forma verbinominal infinitivo, dado que o modelo estrutural constituído por essa forma gramatical exhibe padrões favorecedores do hibridismo preposição/conjunção.

- Contexto estrutural das orações desenvolvidas
 - I) Sem + sujeito determinado + forma verbal finita (predominantemente seguida de adjuntos adverbiais ou de argumentos: Objeto direto, Objeto indireto, Predicativo, locativo, agente da passiva, havendo também a possibilidade de o argumento não

vir expresso, ou seja, complemento Ø): estruturas oracionais que apresentam verbo flexionado no subjuntivo, acompanhado dos argumentos interno e externo (sujeito, expresso por nome ou pronome anafórico, e complementos); o verbo tanto se apresenta sob a forma simples quanto por perífrases (locução, tempo composto, passiva, formas mistas); e ainda estruturas sob a forma de passiva sintética, com sujeito posposto.

Vejamos os dados:

- (1) “Recentemente estava fazendo exercício em uma máquina que me permite caminhar. Senti um desconforto e achei que era vontade de ir ao banheiro. Na verdade, o equipamento **estava esfolando** meus tornozelos, **sem que eu** percebesse.” (VJ, 12/05/10);
- (2) “Hoje somos perfeitamente capazes de elevar a taxa de juros e assumirmos as consequências, **sem que** isso signifique uma perda. Temos integral compromisso com a estabilidade”. [...] (IÉ, 12/05/10);
- (3) “[...] Está em questão, sobretudo, se será possível restringir o direito de um cidadão concorrer à eleição **sem que Ø tenha sido condenado** num processo transitado em julgado.” (ÉP, 28/03/11);

As estruturas desenvolvidas apresentam, com raras exceções, o sujeito da oração subordinada marcado lexicalmente (sujeito determinado simples), exibindo, algumas vezes, no sintagma nominal, o demonstrativo “isso” com função anafórica. Por conseguinte, a ocorrência de sujeitos distintos interfere no estabelecimento da concordância considerada padrão², exigindo do usuário maior atenção em relação a esse aspecto, sobretudo quando o sujeito estiver implícito, pois o emprego do verbo na forma finita implica obrigatoriedade de harmonia entre sujeito e predicado. Para tornar mais nítida a ideia de que essa estrutura requer controle da concordância, observemos a mudança ocorrida quando da transformação das orações reduzidas em desenvolvidas, por meio da estratégia da paráfrase:

- (4) “O presidente deixa que se entretendam com isso; sabe quanto é bom, para todos *eles*, poderem viver o papel de revolucionários com risco zero, **sem ter de fugir** da polícia e no conforto de cargos em comissão, com cargo oficial e cartão de crédito corporativo.” (VJ, 27/01/10);

(4¹) O presidente deixa que se entretendam com isso; sabe quanto é bom, para todos *eles*, poderem viver o papel de revolucionários com risco zero, **sem que tenham** de fugir da polícia e no conforto de cargos em comissão, com cargo oficial e cartão de crédito corporativo.

² O texto jornalístico caracteriza-se pela tentativa de manter-se num nível considerado padrão de uso da linguagem escrita.

(5) “Para o presidente do Banco do Brasil, *as instituições financeiras* públicas devem contribuir mais para o crescimento do país **sem abrir mão** da rentabilidade.” (VJ, 03/03/10);

(5') Para o presidente do Banco do Brasil, *as instituições financeiras* públicas devem contribuir mais para o crescimento do país **sem que abram** mão da rentabilidade.

em que os sujeitos, *eles* (4) e *as instituições financeiras* (5), não impuseram o uso da marca de plural nos verbos das subordinadas reduzidas, o que não seria viável, considerando a norma padrão, nas estruturas desenvolvidas, de modo que os verbos *ter* e *abrir* receberiam marca de plural conforme o sujeito da oração principal. Parece que, enquanto a oração reduzida geralmente traz o mesmo sujeito nas orações principal e subordinada, a desenvolvida pode ou não apresentar o mesmo sujeito. Em (6), a seguir, tem-se o mesmo sujeito *todo e qualquer candidato* para as formas verbais *subir* e *ser barrado*, e, nesse caso, uma alteração no número do sujeito da oração principal automaticamente provocará alteração na flexão da forma verbal da adverbial.

(6) “Digo sempre que minha luta é pelo básico do básico: garantir que todo e qualquer candidato **suba** o morro **SEM QUE seja barrado** pelo tráfico e impedido de fazer ali sua campanha. (VJ, 21/07/10);

Ou seja, a estrutura: “... **sem que sejam barrados** pelo tráfico e impedido de fazer ali sua campanha.” apresentaria falha de concordância. Da análise das estruturas desenvolvidas, é possível verificar que, com exceção da variação das formas verbais bem como dos argumentos, que mudam a depender da regência verbal, há um padrão de organização que ratifica as propriedades oracionais, não restando dúvida quanto à classificação da marca **sem que** como perífrase conjuntiva/conjunção.

Passemos à caracterização do segundo padrão estrutural, cuja organização também revela uma regularidade; a oscilação quanto à classificação do conector SEM tem relação com a avaliação do comportamento da forma verbal infinitiva.

- Contextos estruturais das estruturas reduzidas

I) Sem + sujeito Ø (correferencial) + forma verbal infinitiva não seguida de argumentos (complemento Ø): estrutura em que o verbo assume valor de nomeação, cabendo à combinação “preposição + verbo” o papel de adjunto

adverbial (relativo ao verbo ou à sentença), além de poder marcar atitude do falante (comentário avaliativo, modalização, etc.). Cabe acrescentar que, nos contextos observados, não houve ocorrência do infinitivo flexionado, o que denunciaria a presença de sujeito; isso vem a confirmar a função de nomeação.

(7) “[...] Ou seja, quanto mais multas se aplicam, mais dinheiro eles têm para gastar. É um sistema que estimula a multar **sem parar**.”(VJ, 04/08/10)

(8) “[...] Uma mãe dos pobres que aprendeu a mentir, ignorar fatos históricos e até a se equivocar com desenvoltura **sem gaguejar**.” (ÉP, 16/08/10)

(9) “**Sem generalizar**, acho que o abuso desses efeitos, que tornam tudo visível demais para o espectador, contribuiu para que o cinema perdesse grande parte de sua emoção e sensação de perigo.” (VJ, 02/11/11)

(10) “Quando minha mãe engravidou de mim, **sem planejar**, meu pai descobriu que estava com câncer.” (IÉ, 21/12/11)

O último dado representa uma estrutura em que o argumento está subentendido (a gravidez), sendo recuperado pelo contexto (textual ou situacional), de modo que o conjunto constituiria uma expressão cristalizada, idiomática. Mas, independentemente de ser possível recuperar o complemento, a ausência deste na estrutura da sentença caracterizaria a *função de adjunção*, estando essa forma verbal precedida de preposição.

II) Sem + sujeito Ø (correferencial) + expressão cristalizada (v. infinitivo na condição de verbo suporte + complemento / ou a expressão “sem falar”) + (argumentos): estrutura em que o verbo suporte forma, com o complemento de natureza metafórica, uma expressão cristalizada, pondo em evidência o valor nominal da unidade; ao mesmo tempo, a presença de argumentos exigidos pela combinação (expressão cristalizada) evidencia seu caráter verbal. A substituição do verbo suporte pela forma flexionada desfaz a unidade.

(11) “Não dá para entender o cenário nacional **sem** também **jogar luz** sobre o vácuo de poder deixado pelo próprio estado nesses lugares mais pobres; [...]” (VJ, E, 21/07/10);

(12) “Isso é algo que me fascina nele, porque tanta gente quer cumprimentá-lo e ele podia fazer isso **sem prestar atenção**. Ele não faz isso.” (ÉP, E, 29/11/10);

(13) “Difícilmente o Brasil daria o salto educacional de que precisa apenas com a privatização das escolas: haveria grande concorrência pelos melhores alunos, mas

isso não necessariamente melhoraria o nível do ensino como um todo. **Sem falar** no papel da escola como ambiente socializador e desenvolvedor de uma identidade nacional ...” (VJ, A, 14/09/11)

III) Sem + sujeito Ø (correferencial) + v. infinitivo seguido de argumentos: Objeto direto, Objeto indireto, complemento relativo, Predicativo, locativo, (agente da passiva); adjuntos adverbiais: estrutura em que o caráter verbal do infinitivo torna-se nítido, dado o acompanhamento de termos argumentais. Isso favorece a paráfrase com a oração sob a forma desenvolvida encabeçada pela locução conjuntiva SEM QUE, mesmo se, na estrutura reduzida, houver partículas de realce entre o verbo e o complemento.

(14) “A pretexto de participar da gravação de outro programa, ele foi levado aos estúdios da Rede Globo ainda **sem saber que iria encontrar a Xuxa.**” (VJ, E, 03/11/10);

(15) “O Brasil não teria fortalecido sua posição no FMI Ø **sem se aliar com a China e com a Índia.**” (ÉP, A, 19/04/10);

(16) “Época - o que o senhor sugere?
Lazzarini – Um choque institucional para reduzir os custos de intermediação de empresa [...] É preciso ficar mais fácil para um novo empreendedor despontar sozinho, **sem recorrer ao Estado.** Não acredito que essa feição de capitalismo de laços vá acabar [...]” (ÉP, E, 06/12/10);

(17) “**Eike**– Há escolas extraordinárias e ensino mais que suficiente para atender às necessidades brasileiras **sem precisar treinar lá fora.** Os executivos brasileiros foram treinados na guerra nos últimos 20 anos. Os americanos ficaram preguiçosos.” (ÉP, E, 30/05/11);

(18) “Outro dia saí com o meu filho de 13 anos e mais uns amiguinhos dele e Ø passamos horas juntos, **sem ninguém ficar entediado**”. (IÉ, E, 02/11/11);

Não há consenso entre os gramáticos quanto à aceitação das estruturas constituídas com as formas de infinitivo, gerúndio e particípio enquanto oração, por conceberem-nas, como afirma Bechara (1999, p. 513), “uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial”. Somando-se a isso o fato de a preposição ser definida como um item que precede unidade nominal, a exemplo de verbo no infinitivo, há uma rejeição ao reconhecimento da preposição como elemento conjuntivo. Por outro lado, ao discorrer sobre a sintaxe das formas nominais do verbo, Azeredo (2000) vai de encontro a essa visão, quando afirma que essas formas se assemelham às formas verbais plenas quanto à

possibilidade de apresentarem sujeito e objeto, distinguindo-se, porém, destas últimas, por serem inflexíveis quanto à expressão de tempo e modo.

Admitindo-se, como proposto no início desta exposição, que a ausência de um complemento para a forma infinitiva seria um indício de propriedade nominal ao verboide, o infinitivo integraria junto à preposição um sintagma adverbial, na função de adjunção em relação à sentença a sua esquerda, como ocorre nas estruturas de (7) a (10), anteriormente apresentadas. Isso significa que o SEM junto a infinitivo sem complemento assume o papel de *preposição*. Porém, determinadas estruturas revelam outro tipo de uso em que o infinitivo assume características próprias de um verbo pleno, o que se comprova pela possibilidade de depreensão dos constituintes oracionais – sujeito e complemento (objeto direto - simples ou oracional; objeto indireto, complemento relativo ou locativo). Logo, a oração subordinada contém todos os constituintes. Nos exemplos de (14) a (18), o infinitivo estaria antecedido não de preposição, mas de conjunção. Por outro lado, os empregos ilustrados de (11) a (13) sugestionam a ambiguidade funcional do SEM, conforme se atribua a função de nomeação ou, admitindo-se a paráfrase com SEM QUE, conceba-se a estrutura como unidade oracional³, o que provoca a oscilação quanto à sua classificação: *preposição/conjunção*.

É relevante frisar que uma característica das orações adverbiais reduzidas de infinitivo é a possibilidade da elipse do sujeito, tendo em vista a correferencialidade dos sujeitos das orações matriz e adverbial, mas esse tipo de oração também exhibe sujeitos não correferenciais. Prova disso é o exemplo (18), em que os verbos *sair* e *passar* estão em relação de concordância com os sujeitos (*eu* e *nós* – elípticos) e o conjunto *ficar entediado* com o sujeito simples determinado (*ninguém*). Deduzimos, pois, ser o caráter oracional do adjunto o que favorece a identificação do transpositor que precede o infinitivo como conjunção.

A duplicidade funcional do infinitivo já fora apontada por Macambira (1993, p.125), quando da abordagem dos adjuntos adverbiais. Esse autor apresenta o infinitivo e a oração reduzida de infinitivo como representações morfológicas desses adjuntos. As sentenças “Farei tudo *para vencer*” e “Falei *sem tremer*” ilustram a primeira situação; e “Farei tudo *para venceres*” e “Falei *sem tremer a voz*”, a segunda. Logo, nesses dois últimos exemplos, a indicação do sujeito, marcada na

³ Convém destacar que, nos dados coletados, nenhum dos verbos citados apareceu em estruturas oracionais reduzidas.

desinência do verbo, e a especificação do objeto direto parecem desfazer a ambiguidade quanto à classificação de nome ou verbo ao infinitivo, razão por que o rótulo “oração” é utilizado em referência apenas a esses dois exemplos.

Da comparação entre as estruturas em estudo, evidenciamos distinção quanto à i) flexão modo/temporal do verbo: a oração desenvolvida impõe à forma verbal flexão quanto a tempo e modo, enquanto a reduzida não exige esse controle; ii) forma de apresentação do sujeito nas orações matriz e adverbial: a oração desenvolvida normalmente apresenta sujeitos distintos nas orações matriz e adverbial, ao contrário da reduzida, que apresenta sujeitos correferenciais; e iii) relação de concordância: a oração desenvolvida requer mais atenção quanto ao estabelecimento da concordância verbal; a reduzida, por outro lado, por favorecer a elipse do sujeito, raramente apresenta o verbo flexionado⁴. Vejamos, nas duas tabelas a seguir, a quantificação das ocorrências de cada estrutura⁵, nas três revistas consultadas.

Tabela 1: Contextos estruturais da oração reduzida: descrição e frequência

CONTEXTO ESTRUTURAL SEM + [SN/SAdv.] + FORMA VERBAL +	OCORRÊNCIAS			
	VJ	ÉP	ÍÉ	Total
- Sem + v. infinit.(simples/locução verbal/ tempo composto) + objeto direto <i>determinado</i>	45	28	22	95
- Sem + v. infinit. (simples/loc.verb./ t. composto) + objeto direto <i>não precedido de determinante</i>	15	10	4	29
- Sem + v. infinitivo + objeto direto <i>oracional</i>	18	7	2	27
- Sem + v. infinitivo + objeto indireto/ <i>complemento relativo</i> (ou preposicionado) ⁶	11	19	8	38
- Sem + v. infinitivo (simples/ locução verbal/ tempo comp.) + predicativo	5	3	6	14
- Sem + v. infinitivo(simples/ locução verbal/ tempo comp.) + locativo	4	4	4	12
- Sem + v. infin. (loc. verbal/ t. composto/formas mistas) + argumentos/adjuntos adverbiais	2	1	0	3
- Sem + forma passiva + (agente da passiva)	0	3	1	4
- Sem + v. infinitivo (simples/loc. verbal) <i>sem complemento</i>	15	21	17	53

⁴ Ressaltamos que, embora o infinitivo possa vir flexionado, como em: “Celulares [...] permitem que as pessoas... e comuniquem seus pensamentos..., mas não podem nada **sem** as pessoas a lhes **dar(em)** vida.”, não é essa a opção do autor.

⁵ Devemos esclarecer que, embora na introdução tenhamos nos referido a 388 ocorrências, descartamos as estruturas cuja classificação não era adverbial, e sim, *predicativa*. Neves (2000) cita um exemplo dessa categoria: “Continuava *sem desfalecer*”. Nos nossos dados, consideramos como exemplos aqueles em que, na oração principal, constava o verbo *passar*, a exemplo de “A falta de água foi o pior: passei 45 dias **sem ingerir líquidos** por causa de uma infecção no pulmão”.

⁶ Em linhas gerais a tradição gramatical denomina de *objeto indireto* o complemento regido de preposição, mas Bechara (1999) e Azeredo (2000), por exemplo, referem-se a um tipo de complemento preposicionado que não admite a substituição pelo pronome oblíquo, atribuindo-lhe outra nomenclatura – a de *complemento relativo*, para marcar a diferença de comportamento.

<i>expresso</i>				
- Expressão lexicalizada:				
- Sem + verbo caracterizado como <i>suporte</i> (sem <i>levar em conta</i> = sem considerar; <i>sem perder de vista</i> = sem esquecer; <i>sem mergulhar a fundo</i> = sem refletir);	10	9	3	22
- Expressão <i>sem falar</i> e outras que assumem igual função ⁷ : “ <i>sem apontar</i> ”, “ <i>sem esquecer</i> ”, “ <i>sem lembrar</i> ” etc.	4	7	9	20
Total				317

Tabela 2: Contextos estruturais da oração desenvolvida: descrição e frequência

CONTEXTO ESTRUTURAL	OCORRÊNCIAS			
SEM + [Sujeito] + FORMA VERBAL + ...	VJ	ÉP	IÉ	TOTAL
- Sem que + sujeito determinado (expresso por nome ou pronome anafórico) + v. finito subjuntivo + <i>objeto direto</i> (simples ou oracional)	2	3	5	10
- Sem que + sujeito determinado (expresso por nome ou pronome) + v finito subj. (tempo composto) + <i>objeto direto</i>	2	1	0	3
- Sem que + sujeito determinado + v. finito subj. (locução verbal) + <i>objeto direto</i>	1	1	1	3
- Sem que + sujeito det. (expresso por nome ou pronome) + v. finito subjuntivo + <i>predicativo</i>	2	2	0	4
- Sem que + sujeito determinado (expresso por nome ou pron.) + v. finito (simples/loc. verbal) + <i>objeto indireto</i>	4	1	3	8
- Sem que + sujeito determinado (elíptico ou expresso - anteposto/posposto) + forma passiva + (<i>agente da passiva</i>)	1	2	1	4
- Sem que + sujeito elíptico + formas mistas (tempo composto + forma passiva)	1	2	1	4
- Sem que + sujeito determinado (expresso ou elíptico) + verbo (ou locução verbal) <i>sem complemento expresso (direto ou indireto)</i>	2	3	2	7
- Sem que + V. HAVER + objeto (<i>or. sem suj.</i>)	2	0	1	3
- Sem que + passiva sintética + <i>sujeito det. Posposto</i>	3	0	1	4
Total	20	15	15	50

A presença de argumentos na maioria dos contextos estruturais de cada uma das categorias é um indicador de padrão oracional. Sendo assim, mesmo que determinados contextos da estrutura reduzida apontem para o uso *prepositivo* do SEM, compreendendo as 53 (cinquenta e três) ocorrências em que a combinação **sem + infinitivo** sinalizam a função de *nomeação*, o caráter *conjuntivo* do SEM sobressai, já que somam 222 (duzentos e vinte e duas) as estruturas em que ao verbo se seguem argumentos (OD, OI, CR, PRTIVO, ADJ). A tabela a seguir sintetiza os usos em que o item SEM preserva os traços de preposição e aqueles em que adquire atributos de conjunção, comprovando que SEM e SEM QUE se prestam a uma mesma função.

⁷ Dentre as 20 (vinte) ocorrências dessa categoria, 14 (quatorze) são formadas com SEM FALAR.

Tabela 3: Frequência de sintagmas com função de nomeação, unidade cristalizada e com função argumental

	TIPO DE SINTAGMA	OCORRÊNCIAS
SEM	- Preposição Complemento Ø (f. de nomeação)	53
	- Preposição/conjunção Unidade cristalizada: (formada com verbo suporte) (Expressão “sem falar”)	20
	- Conjunção Presença de argumentos do verbo (OD, OI, Predicativo, etc.)	22
		222
	Total	317
SEM QUE	- Conjunção Complemento Ø; Unidade cristalizada Presença de argumentos do verbo (OD, OI, Predicat., etc.)	07
		00
		43
	Total	50

Conforme defende Hopper (1991), o uso concomitante de duas formas gramaticais representando uma mesma função indica que elas estão em competição, refletindo a ativação do princípio de *camadas*, o que não significa, necessariamente, que uma delas tenha de desaparecer. É fato que, na língua portuguesa, nenhum dos dois conectores caiu em desuso; mas, no *corpus* coletado, há, claramente, a superposição das orações introduzidas por SEM junto a infinitivo; favoritismo que é um dos indicadores do maior grau de gramaticalização da estrutura reduzida em relação à desenvolvida.

A preferência da estrutura reduzida poderia ser justificada por algumas razões. A primeira seria a precedência do uso conjuncional de SEM, já que a gramaticalização da perífrase SEM QUE ocorreu mais tardiamente, quando o emprego do nominalizador **que** se expandiu, originando diversas perífrases conjuncionais⁸. Ressaltamos que análises voltadas para textos acadêmicos podem indicar sobreposição da perífrase, fragilizando o argumento apresentado; nessa perspectiva, o uso da estrutura reduzida seria uma prova de estabilidade da língua.

⁸ A partir de um estudo em que analisou o processo de gramaticalização de **com** e **sem**, com base em um *corpus* formado por textos dos séculos XV e XIX, Romero (2009, p. 557) afirma sobre o processo de sintatização de **sem** que “no século XV, não houve nenhuma ocorrência da conjunção **sem que** (introduzindo oração desenvolvida), mas que no século XIX ela apareceu em 26% das ocorrências (nos casos restantes, introduz oração reduzida de infinitivo)”.

Um segundo motivo seria o condicionamento do gênero, mas devemos esclarecer que esse não é um fator de grande peso nesta análise porque, na amostra sob observação, independentemente da identidade do texto – se artigo, entrevista, editorial/carta ao leitor –, a estrutura reduzida sobressai. O fato de todos os textos convergirem quanto à pertença à esfera argumentativa, da modalidade jornalística e registro formal, provavelmente, contribui para a proximidade de funcionamento. Consideramos válido acrescentar que se a objetividade é uma meta da escrita jornalística, de forma que a linguagem deve ser simples e concisa, a estrutura reduzida preenche esse requisito. Logo, esse quadro pode ser indicador de que uma das marcas gramaticais dentre as que estão em concorrência se adéqua melhor a um determinado contexto, denunciando outro princípio de gramaticalização – a *especialização* de função.

A terceira razão, que acreditamos ser a mais contundente, diz respeito à configuração sintagmática da oração, que denuncia o grau de complexidade da estrutura, aspecto que pode ser confirmado quando da observação da flexão modo/temporal do verbo, da forma de apresentação do sujeito nas orações matriz e adverbial, e da relação de concordância.

Em relação às estruturas reduzidas, observamos que, dentro de um mesmo modelo estrutural, há padrões diferenciados (como demonstram os três contextos mencionados). Dessa forma, se a natureza nominal do infinitivo sobressai, o item SEM recebe o rótulo de preposição; se, de outro modo, o infinitivo, desempenhando o papel de verbo suporte, origina expressão lexicalizada, surge dúvida quanto à natureza da forma verbal (nominal ou verbal); por fim, se o caráter verbal do infinitivo se sobrepõe, quando da presença de termos argumentais, o SEM assume o papel de conjunção. Uma explicação viável do percurso da mudança ocorrida com este item seria: **preposição > preposição/conjunção > conjunção**

A gramaticalização de orações é uma extensão dos estudos relativos à mudança. Conforme Lehmann (1988), as tipologias oracionais atendem a um *continuum* de organização, obedecendo a um trajeto conforme o qual, no pólo à esquerda, situam-se as orações cujo vínculo é mais fraco, a exemplo das sentenças de igual estatuto sintático (paratáticas); no pólo à direita, ficam as orações cujo vínculo é mais forte, ou seja, as sentenças que se integram a outro constituinte da oração principal (é o caso das sentenças encaixadas ou subordinadas), e no pólo

intermediário, estão cláusulas adverbiais, cláusulas nominais dessentencializadas, cláusulas correlatas, etc.

Analisando a trajetória de gramaticalização das estruturas em foco à luz dos parâmetros⁹ indicados por Lehmann (1988), podemos defender que as orações encabeçadas por SEM (reduzidas) estão mais vinculadas à matriz, como testemunham a presença do verbo na forma não-finita e a correferencialidade do sujeito. Além disso, o baixo grau de sentencialidade, aspecto que favorece a dessentencialização, outro indicador de integração mencionado por Lehmann (1988), pode ser evidenciado nos dados sob análise, nas estruturas em que a combinação preposição + forma verbal no infinitivo exerce função de nomeação, sobretudo aquelas que não exibem complemento. Dessentencialização implica mudança de estatuto – uma oração substantiva, por exemplo, pode vir a assumir função de modalizador; no caso da oração adverbial, pode sofrer rebaixamento funcional, passando de adjunto oracional a adjunto no nível subordinacional. Como, no *corpus* coletado, esse uso representa minoria, não interfere na defesa de que SEM e SEM QUE se recategorizam como conjunção.

2.2 Recategorização semântica dos transpositores SEM (QUE): motivações cognitivas e interacionais

Os processos metafóricos e metonímicos são uma das fontes de explicação da mudança semântica. O primeiro processo explica a associação de conteúdos distintos via transferência de significado de um termo concreto para um termo abstrato; em outras palavras, a passagem de um significado referencial para um não referencial, o que representa aumento de complexidade cognitiva. É esse procedimento que torna possível compreender como os conectores SEM (QUE) abrigam os valores de *condição* e *concessão*, apontados pela tradição, além de outros como *consequência* e *modo*.

Como esses valores derivam do sentido primário de *ausência* e *negação* de SEM, cabe a referência à Castilho (2009), que aponta a capacidade de atribuir ao complemento propriedades de *espaço* e *movimento* como o traço distintivo da preposição em relação à conjunção. Por outro lado, o sentido prototípico de espaço

⁹ Lehmann (1988) analisa as orações a partir de três critérios gerais: autonomia ou integração de cláusulas subordinadas; expansão ou redução da cláusula subordinada ou principal; e isolamento ou articulação de cláusulas.

favorece extensões semânticas diversas, via projeções metafóricas, valores que atingem também a locução conjuntiva. Segundo esse autor, o sentido de base *espaço/tempo* se organiza em conformidade com as seguintes categorias: posição no espaço/tempo; disposição no espaço/tempo e distância no espaço/tempo. As duas categorias cognitivas nas quais se enquadra a preposição SEM – *disposição* e *proximidade* no espaço/tempo – subdividem-se nos eixos: *continente/conteúdo*, no primeiro caso; *longe/perto*, no segundo, havendo ainda os papéis temáticos correspondentes: *dentro/fora* e *proximal/distal*. Eis a sistematização:

DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	MOVIMENTO NO ESPAÇO
→eixo continente/conteúdo → dentro/fora;	→ eixo longe/perto → proximal/distal

Quadro 1: Categorias cognitivas

Em relação ao eixo proximal/distal, Ilari et al. (2008, p. 667) afirmam que as noções que representam essa categoria são expressas normalmente por advérbios, mas quando uma determinada noção é expressa por preposições “acarreta noções de co-presença para o traço PROXIMAL, e de ausência para o traço DISTAL”. Para os autores, por ser difícil imaginar a princípio o esquema imagético espacial para as preposições *com* e *sem*, é preciso conceber um esquema espacial como “presença simultânea em um mesmo espaço”. No caso específico do SEM, evoca a noção de ausência em oposição à noção de copresença, derivando ainda a noção de distância, como evidencia o exemplo: “Eu acho que é uma exigência que, que se faz talvez, por deformação já de berço que se tenha *sem* com isso eu quere(r) banca(r) o esnope, né,” [D2 POA 291] (ILARI et al., 2008, p. 701).

Nesse sentido, as noções de ausência/negação, próprias da preposição SEM se associam, no plano físico, à noção de distância, expandindo-se ainda mais, de modo a abarcar, no plano conceitual, o valor de distância de ideias, ou seja, conteúdos que não se combinam, que contrastam, daí a noção de adversidade ou *concessão*. O mesmo tipo de associação se dá com as *condicionais*, já que a ausência de um requisito determina a validade (ou verdade) do argumento expresso na oração matriz; e com as *consecutivas*, orações que têm uma proximidade com as coordenadas adversativas, no sentido de que se nega um possível resultado inferido da oração precedente. Logo, a transferência de conceitos de base espacial –

ausência e distância – para conceitos mais gerais, como os citados, confirma a direção da mudança rumo à abstração.

No modelo proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), referente aos estágios de gramaticalização, qual seja: **espaço > (tempo) > qualidade**, “qualidade” corresponde à etapa em que os elementos linguísticos assumem função mais gramatical e mais abstrata, tendo em vista sua atuação no nível da organização textual. O segundo processo explica as associações que se fazem devido a pressões contextuais. Nesse caso, a transferência de significado é condicionada pelo valor de outros elementos presentes na estrutura linguística, ou que possam ser inferidos da relação entre os componentes que fazem parte de uma dada configuração estrutural. Como um mesmo contexto pode autorizar várias inferências, o conector termina assimilando vários sentidos, o que leva à generalização do significado, de modo que a interpretação é manipulada de acordo com as necessidades comunicativas.

Nos dados sob investigação, algumas das pistas que confirmam o processo de transferência por contiguidade, viabilizando a identificação dos valores concessivo, consecutivo e modal são: a coocorrência de conectores de teor contrastivo (a exemplo de *mas, embora, mesmo*), a ordem, a pontuação, o tipo semântico do verbo, além do próprio vocabulário. Vale salientar que, da mesma forma que o uso dessas partículas contribui para a apreensão das relações lógico-semânticas, também reflete as motivações pragmáticas. A sobreposição de matizes semânticos é indício de maior generalização ou abstração, revelando, pois, a existência de um contínuo significativo.

Vejamos algumas ocorrências do *corpus* reveladoras da multiplicidade de matizes semânticos:

Concessão:

(19) “A conquista da estabilidade é outro exemplo. O plano real foi uma pequena jóia. Ter congelado a distribuição de renda **sem que** as pessoas tivessem entendido, ter liberado os preços, ter construído todo um equilíbrio no tricô e depois liberado tudo e ele continuar como estava. Foi uma coisa brilhante, um dos mais extraordinários planos de estabilização já construídos. Negaressefato é uma estupidez”. (ÉP, 08/11/10);

Condição:

(20) “A terceira realidade claramente descortinada por esses dados é a utilização política do setor educação. Não é possível chegar a esse nível **sem que** haja um esforço deliberado de contratações desnecessárias. Contratações que só ocorrem

porque os profissionais da educação são frequentemente utilizados como instrumento político de seus padrinhos”. (VJ, 12/10/11);

Consequência:

(21) “Hoje somos perfeitamente capazes de elevar a taxa de juros e assumirmos as consequências, **sem que** isso signifique uma perda. Temos integral compromisso com a estabilidade”. [...] (IÉ, 12/05/10);

Modo:

(22) “A morte da jornalista Marcela Coutinho é notícia velha. Velha de três semanas. Na noite de 28 de novembro, uma segunda-feira, ela foi covardemente asfixiada. Deixou a vida **sem dar o último suspiro**. Puseram-lhe um travesseiro na cara”. (ÉP, 19/12/11)

Causa:

(23) “**A que se deve, em primeiro lugar, isso que o senhor qualifica como um empobrecimento musical?** A questão começa na transição para o meio digital do que foi efetivamente gravado no estúdio. [...] O resultado é que os músicos se acostumaram com essa baixa resolução e, talvez **sem se dar conta**, adaptaram sua produção”. (VJ, 26/10/11);

Tempo:

(24) “[...] Infelizmente, Chris se foi poucos dias depois, mas não **sem antes tornar seu sonho real**. Seus últimos dias foram de alegria, força e esperança. [...]” (VJ, 03/11/10)

Modalizador:

(25) “**Lucília** - Se eu não me gostava, como poderia querer que alguém me desejasse? Aliás, não me sentia desejada nem como mulher nem como ser humano. Falo isso **sem querer generalizar**¹⁰. Estou dizendo como me sentia, não querendo dizer que toda gorda se sente assim. [...]” (IÉ, E, 15/06/11);

Adição:

(26) “[...] Obras essenciais não andam e muitos projetos da Copa ainda parecem ser apenas projetos. **Sem falar nos impactos políticos**. [...]” (IÉ, A, 28/12/11);

Modo/condição/concessão:

(27) “[...] Quer dizer: não é possível avaliar a escola de alunos pobres e ricos da mesma maneira. Não se pode esperar que pobres aprendam o mesmo que ricos, por causa da influência do meio sobre o aprendizado. De forma que colocar uma placa com o aprendizado em uma escola **sem atentar para o contexto social em que ela está inserida** seria dar uma falsa impressão na verdadeira qualidade daquela escola e do esforço de seus profissionais. [...]” (VJ, A, 13/07/11)

É relevante esclarecer que, embora a tradição gramatical registre *condição* e *concessão* como sentidos prototípicos desses conectores, o que conduz à

¹⁰ Apesar de ser possível atribuir o valor de concessão, consideramos que a *modalização* sobressai, pois se trata de uma informação parentética, cuja função é de atenuar uma informação precedente, uma ressalva.

interpretação de que sejam os valores mais gramaticalizados, no *corpus* investigado, o segundo matiz foi, de fato, mais recorrente, mas o primeiro teve menor frequência em comparação a outros, a exemplo de *consequência* e *modo*. Sendo a recorrência um parâmetro indicativo de gramaticalização, esses dois matizes estariam mais gramaticalizados.

Para explicar as projeções metonímicas, convém retomarmos o modelo representativo da trajetória de gramaticalização apresentado por Traugott (1982), no qual se conciliam aspectos semânticos e pragmáticos, de modo que os componentes assim se organizam: **proposicional > textual > interpessoal**. A mudança sob esse enfoque também se desenvolve numa escala progressiva em direção à abstração, tendo como ponto de partida um significado identificável no mundo objetivo que passa a funcionar como organizador textual, viabilizando a coerência, até alcançar o nível interpessoal, estágio em que é intensificada a função expressiva da linguagem. Isso ocorre porque “os significados vão tendendo a se referir menos à descrição de situações concretas e mais a situações discursivas; menos a situações objetivas e mais a situações subjetivas, refletindo uma maior subjetivação” (GORSKI et al., 2004, p. 40). Cumpre lembrarmos que a metáfora não se dissocia desse processo, o que significa dizer que a trajetória de mudança, tanto da perspectiva cognitiva quanto da comunicativa, envolve a passagem do concreto para o abstrato.

Destacamos, ainda, que as funções textual e interpessoal são indissociáveis, sendo difícil estabelecer fronteira entre estruturas com finalidade puramente coesiva e outras com função discursiva; por conseguinte, distinguir limites entre usos mais e menos subjetivos. Ao construir seus textos, o usuário realiza mais de uma tarefa: além de selecionar as ideias e sequenciá-las logicamente para dar sustentação às proposições defendidas, tornando o texto coerente, ele precisa formatar o texto, apropriando-se dos recursos linguísticos, de forma a promover a coesão.

A análise realizada nos autoriza a afirmar que as orações introduzidas pelos conectores SEM (QUE) se constituem como marcas de expressividade, logo de subjetividade, havendo situações em que a generalização de significado faz com que a interpretação seja administrada conforme as necessidades comunicativas; comprovam isso os excertos que desencadeiam diferentes inferências. Mas, à guisa de demonstração de que algumas relações semânticas se revestem de mais força argumentativa que outras, considerem-se as orações *parentéticas*, que, não estando

presas a um verbo ou outro elemento da matriz, daí terem um vínculo mais frouxo com a oração precedente, caracterizam-se como um ato de fala independente cuja função é de acrescentar uma informação (esclarecimento, ressalva, avaliação).

Papel semelhante têm as orações que focalizam algum aspecto do texto, a exemplo das que apresentam conectores adversativos como recurso de ênfase – as *focalizadoras*. Ambos os modelos oracionais representam um mecanismo sintático utilizado para marcar a importância que tem determinada informação para a compreensão do tema em desenvolvimento. Sob o âmbito das relações lógico-semânticas, podem manifestar sentidos diversos; e sob o âmbito pragmático, servem à função de *relevo*. Para entender esse funcionamento, confrontem-se os dados a seguir:

(27) “[...] Credita-se a Santo Agostinho, um dos sábios da Igreja Católica, a descoberta de que se podia ler **sem enunciar as palavras**”. (VJ, 18/05/11);

(28) “[...] Iltezan arriscava a vida para defender as oliveiras. **Sem jogar uma pedra, uma granada**”.(ÉP, 26/09/11);

Ambas as orações exibem o mesmo tipo de relação semântica – *concessão*. O **tom** é o que diferencia a segunda oração da primeira, garantindo-lhes a consistência da argumentatividade. Nas focalizadoras, a presença de uma partícula de reforço sinaliza o que está sendo focalizado; já nas parentéticas, a pontuação serve de norte, pois a independência delas é denunciada pela pausa, que, na escrita, revela-se por meio do ponto ou do travessão, comportamento também visível nas orações introduzidas pela perífrase SEM QUE.

Por fim, merecem destaque as orações introduzidas pela combinação SEM+FALAR ou outro verbo de valor correspondente, a exemplo de SEM CONTAR. Comparando-se os dados de (30) a (32), é visível não apenas a variação de sentido da expressão SEM FALAR como também a diferença sintático-semântica: Vejamos:

(30) “Elisabete Miranda, uma brasileira do interior de São Paulo que chegou aos Estados Unidos **sem falar uma palavra de inglês**, aprendeu rápido e viu a chance. [...]” (IÉ, 30/11/2011);

(31) “[...] Não se pode falar em valorizar nenhuma profissional **sem falar em aumento do nível de exigência** para entrar e permanecer em uma carreira. [...]” (ÉP, 27/12/2010);

(32) “[...] Enquanto isso, nossas exportações para a China – o país que mais cresce no mundo e principal importador de nossas matérias-primas – aumentaram 77%

apenas em quantidade desde a crise, **sem falar** no ganho de preço. [...]” (IÉ, 06/04/2011)

Em (30), a acepção do verbo “falar” é “expressar palavras” e a relação semântica entre as orações é de *modo*; e em (31), a acepção é de “conversar sobre”, e a relação de sentido é de *condição*. No primeiro caso, a ação de *falar* é atribuída a um personagem de quem o usuário está tratando – Elisabete Miranda – e, no segundo, a uma terceira pessoa (alguém). Nessas estruturas, a oração adverbial está integrada à anterior. Já em (32), o sentido do verbo é “comentar”, ação que é realizada pelo próprio usuário, e a expressão SEM FALAR, que poderia representar um misto de adversidade e condição – considerando-se que a vantagem das exportações seria apenas o aumento quantitativo se não fosse apontado o ganho de preço –, assume, na verdade, valor de *adição*. Ou seja, o usuário parece considerar insuficiente o argumento apresentado na matriz, daí apresentar uma vantagem a mais. Nesse sentido, a informação introduzida pela unidade SEM FALAR apresenta uma informação requerida da situação comunicativa, podendo assumir diversas funções discursivas; e corresponde a uma *extensão* da oração precedente, sendo sintaticamente mais independente (ou desgarrada), daí a separação por vírgula, ponto ou mesmo travessão.

Nesta seção, apresentamos evidências da generalização semântica, incluindo um novo matiz, o de *adição*, uso que consideramos inovador, na medida em que a estrutura oracional não modifica uma informação precedente; logo, não representa estrutura de realce, típica das adverbiais, mas de *expansão*.

Considerações finais

Como já afirmado, o item gramatical SEM, ao estabelecer a relação entre dois sintagmas, sinaliza a função sintática desempenhada pelo termo regido. Trata-se de uma preposição que antecede termo não argumental, habilitando um substantivo à função de adjunto; é um elemento subordinador. Se esse item rege uma sentença, significa ter incorporado uma nova função, mais gramatical, atuando em um nível mais abstrato. Nessa perspectiva, a noção de *continuum* permite entender que, se por um lado, há preposições que só regem nome, por outro, há

itens que, embora sejam considerados tradicionalmente como preposições, funcionam regendo orações, uma função típica de conjunções.

Sob a esfera sintática, observamos que o menor grau de complexidade da estrutura reduzida provavelmente condicionou sua preferência sobre a desenvolvida. Da comparação entre os dois padrões oracionais, também verificamos que a combinação SEM + verbo suporte (*sem jogar luz; sem perder de vista*) foi uma particularidade das estruturas reduzidas, pois a permuta do SEM por SEM QUE, ainda que possível, quebraria a unidade, acontecendo o mesmo se se utilizasse o infinitivo flexionado. Sob a esfera semântica, observamos que os dois modelos oracionais parecem expressar as mesmas relações de sentido, com exceção do valor rotulado de *adição* que se materializou exclusivamente sob a forma reduzida, por meio da expressão *sem falar*. Essa estrutura caracteriza-se por apresentar uma informação que, numa escala de argumentatividade, consiste em um argumento que dá sustentação à defesa de um determinado ponto de vista.

Por fim, enfatizamos que a atribuição dos matizes semânticos às orações adverbiais não deve se restringir aos rótulos já fixados pela tradição gramatical, pois, pressões contextuais favorecem transferências de significado, levando o conector a incorporar novas subfunções. Esse uso inovador, com o passar do tempo, pode tornar-se fixo, e dele derivarem novos usos, fazendo o sistema linguístico se renovar.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: *História do português paulista*. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

GÖRSKY, Edair; ROST, Cláudia Andrea; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol.1.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd, rev. ed. 2003.

ILARI, Rofolfo; CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato Miguel. A preposição. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 2, Campinas: Unicamp, 2008, p. 623-804.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra A. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

MACAMBIRA, José Reboças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1993.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

ROMERO, Nanci. Gramaticalização, lexicalização e semanticização de com e sem. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic and pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982.

TRAUGOTT, Elizabeth C. *Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott*. ReVEL, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. [www.revel.inf.br] acesso em 10/set./2017.

Recebido em 26/09/2017

Aceito em 14/10/2017

Publicado em 20/12/2017